ISSN: 2358-8829

PORTUGUÊS E ESPANHOL: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA

Juan Pablo de Souza Ferreira [1]
Francisco de Assis Soares da Silva [2]

INTRODUÇÃO

Mesmo após 5 séculos de existência, o legado deixado pelos antigos romanos para nós é notório. Esse legado cultural não é apenas visível nas construções espalhadas por várias cidades na Europa, por onde os romanos dominaram e estenderam seu território formando um grande império na antiguidade.

Grandes esculturas, obras em cerâmicas, mosaicos, templos são legados dos antigos romanos para nós. Quem nunca sonhou em ir à Itália e ver de perto a grande herança cultural que esse povo nos deixou.

No entanto, além desse legado, há outro que se espalha, não só pela Europa, e norte da África, onde os romanos tiveram domínios territoriais, mas também na América, região central da África e Ásia, locais aos quais os romanos não chegaram, mas que, contudo se fazem presente. Esse legado é a língua e a religião, o catolicismo romano.

O catolicismo romano chega a América e outros continentes através das grandes navegações europeias trazido principalmente por portugueses e espanhóis, que ao chegarem a solo americano começaram a impor sua cultura, não só a religião, mas seus hábitos, e principalmente, seu idioma a população nativa.

Uma vez tendo contato com portugueses e espanhóis, os nativos começam a ser forçados a se converterem ao catolicismo romano, presente atualmente na maioria dos países americanos, como também, aprenderam o idioma do forasteiro, em um processo de aculturação que mudou a forma de se comunicar de vários povos.

A língua que nos chega é bem diferente da atual falada por nós, pois aqui no Brasil passamos por um processo de transformação devido à influência de línguas

[1] Pós-graduado do Curso de Línguistica Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros - FADIMAB, juanpabloprofessor@gmail.com;
[2] Professor orientador: Dr. Francisco de Assis Soares da Silva, Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros - FADIMAB, soarisfran@hotmail.com.

ISSN: 2358-8829

africanas trazidas pelos ex-escravizados, como também dos vários idiomas indígenas aqui falados que deram origem a uma variação do português, que não existe em nenhum outro países lusófono.

Mesmo assim, é perceptível a aproximação de semelhanças entre a nossa língua e a de nossos vários "Hermanos" que nos cercam, já que ambas são consideradas línguas neolatinas; e é por causa desse tronco primordial, o latim, que se torna possível para um falante de português entender o que um falante de espanhol está transmitindo, claro que haverá dificuldade em algum momento, mas algumas palavras são comuns aos dois idiomas, e é isso que pretendemos apontar e debater no nosso trabalho.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa é de natureza bibliográfica e comparativa, fundamentada em:

Fontes históricas: Aquino (1980), Arruda & Piletti (2003), Burns (1998), Teyssier (2014) e Galindo (2022), para reconstituir a trajetória do latim às línguas românicas.

Fontes linguísticas: Faraco (2019), Basso (2019), González & Fanjul (2014) e Perez (2024), para a análise gramatical comparativa.

Procedimentos: Análise contrastiva de dois temas gramaticais — (1) pronomes pessoais sujeitos e (2) colocação pronominal (próclise, ênclise e mesóclise) — com exemplos extraídos da literatura e de traduções, como o fragmento de Clarice Lispector traduzido para o espanhol por Cristina Sáenz de Tejada e Juan García Gayo (1989).

A leitura dos autores possibilitou a busca por objetos para a análise comparativa como consta no procedimento. O objetivo foi observar alguns aspectos da língua portuguesa e da língua espanhol que são comuns as duas línguas e ver o que há de semelhantes e diferenças nesses temas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Península Ibérica foi conquistada pelos romanos entre 218 a.C e 209 a.C e lá o latim é introduzido pelos antigos romanos após a Segunda Guerra Púnica.

No ano 27 a.C, Augusto divide a Hispania Ulterior em duas províncias: a Lusitânia, ao norte do Guadiana, e a Bética, ao Sul (Teyssier, 2014).

ISSN: 2358-8829

Durante as invasões barbaras o latim escrito se mantém como a única língua de cultura, o latim falado evolui rapidamente e diversifica-se (Teyssier, 2014).

Esse latim com a junção das línguas bárbaras dá origem ao galego-português, que mais tarde será o português, e o catalão que deu surgimento ao castelhano também conhecido como espanhol.

A grande chave aqui é as invasões que sofre essa parte do Império Romano, além dos povos bárbaros temos as invasões árabes que também deixaram a sua contribuição na formação dos idiomas modernos da região.

Os suevos, povo que habitou a região durante a crise do império romano traz uma carga linguística enorme que vai alterar a forma de falar do local.

> O domínio suevo nessa região, que fica exatamente ao norte do atual território de Portugal e, por extensão, da área em que se estabelecerá a língua portuguesa, pode ter sido uma das razões para a diferenciação gradativa entre as falas do oeste da península e as outras. Os linguísticas ainda debatem em que grau o "sotaque" suevo pode ter influenciado, por exemplo, um desenvolvimento muito típico do mundo galego-português: a queda das consoantes n e l em ambiente intervocálicos (Galindo, 2022, p.92).

Esse território ao qual Galindo se refere é a Galícia, antiga província romana da Galécia que deu origem ao galego e que com o tempo essa língua derivar-se-ia no galego-português, até chega ao nosso português.

O latim imperial como é colocado por Teyssier ao se referir a língua durante o período histórico dos romanos na península, sofre várias alterações ao longo do tempo até chegar ao galego-português e ao castelhano.

Essas transformações principalmente na acentuação, na palatalização e na perda de alguns fonemas vocálicos nos traz a tona uma língua que se aproxima do português e espanhol moderno.

> Vê-se acelerar a deriva que transformará o latim imperial em proto-romance, e aparecerem certas fronteiras linguísticas. Uma destas fronteiras é a que vai separar os falares ibéricos ocidentais, donde sairá o galego-português, dos falares do centro da península, donde sairão o leonês e o castelhano (Teyssier, 2014, p. 13).

A evolução da língua latina para as línguas românicas nos é apresentada por Teyssier em seu livro História do Português. O que é relatado por ele nos esclarece essa transformação, por exemplo, a evolução do grupo consonantal cl; ex.: oc'lu (de ocūlum) . Nesta posição, c, pronunciado [k] passa a yod ([y]): Oc'lu > *Oylo. Esta evolução é comum a todos os falares hispânicos (Teyssier, 2014).

Outro ponto de que nos chama a atenção é o fenômeno da ditongação das vogais na passagem da língua latina para o castelhano e que não se seguiu no galego-português.

Latim clássico	Latim imperial	Galego-português	Castelhano
pĕdem	pẹde	pé	pie
dĕcem	dẹce	dez	diez
lĕctum	lẹctu	leito	lecho
nŏvem	nǫve	nove	nueve
fŏrtem	fǫrte	forte	fuerte
nŏctem	nǫcte	noite	noche

Tabela 1 – ditongação em Teyssier, 2014, p.14.

Houve um grande processo de transformação da língua até chega ao que temos hoje e isso perpassa vários fenômenos linguísticos que ao comparamos as línguas portuguesa e espanhola vemos semelhança entre elas. Essa semelhança deve-se as mudanças ocorridas do latim vulgar e que foi tomando algumas propulsões diferentes no norte e no centro da península, mas que se aproximam.

Com a influência árabe e sua contribuição teremos essa separação, o galego-português, será dividido dando origem ao galego que hoje é falado na região norte da Espanha, mas também presente em algumas cidades portuguesas que fazem fronteira com a província espanhola de Galícia.

> De certa forma a chegada dos árabes representa um tipo diferente de ruptura na formação da língua portuguesa [...] os árabes trouxeram uma contribuição que geraria um superestrato exclusivo da Ibéria, causando ondas de mudanças sócias, históricas e linguísticas que separam as línguas daquela região das outras faladas no restante da România (Galindo, 2022, p.99).

O português que conhecemos hoje nasce a partir da Reconquista, pois graças a ela o galego se espalha no território ao que seria Portugal e sua consolidação como Estado independente do reino de Leão e Castela.

> [...] há que reconhecer que, sem o sucesso da Reconquista, poderia haver a língua galega como a conhecemos hoje, mas o português provavelmente não estaria nos mapas linguísticos [...] e há que reconhecer também que a sobrevivência dessa nova variedade românica mais ao sul da Galiza dá mostras do poder do convívio. O português é uma das melhores provas de que, foi possível expulsar fisicamente os muçulmanos da Ibéria, e mesmo eliminar dali sua religião, sua política e sua economia, as marcas de sua presença permaneceram a língua que restou naquele lugar carrega até hoje esses sinais (Galindo, 2022, p.112).

O galego-português surgirá, assim, nos séculos IX a XII, cujos primeiros textos escritos aparecerão somente no século XII (Teyssier, 2014).

ISSN: 2358-8829

As transformações linguísticas que sofrem o galego-português para o nosso português e posteriormente para o espanhol, mostra a aproximação entre as línguas.

Teyssier nos diz:

> Uma palatalização do l, fenômeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno terr situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano a consoante inicial caiu posteriormente tendo restado o l palatal, transcrito ll; ex.: plaga > cast. Llaga, clave > cast. Llave, flamma > llama [...] a consoante inicial seguida de l palatal deu origem à africada [tš], que foi transcrita em galego-português por ch, donde, para os três mesmo exemplos, chaga ([tšaga]), chave ([tšave]) e chama ([tšama]) (Ibidem, 2014, p.15).

O galego-português nasceu da mistura do latim vulgar com a língua árabe e serviu de inovação para o português criando um vocabulário que mescla palavras das duas línguas como também das línguas germânicas.

Os reinos de Portugal e da Espanha nasceram no período da Guerra da Reconquista, guerra que tinha por objetivo expulsar os árabes da Península Ibérica. Apesar da expulsão desse povo do território, a sua marca permaneceu na língua, na cultura musical, na arquitetura.

> A “cor” deixada pela presença muçulmana em Portugal ainda se faz notar no genótipo (características genéticas) e no fenótipo (características físicas visíveis) dessa população, assim como em sua cultura, em sua música, no nome de suas cidades e regiões (Algarve, o nome da região sul de Portugal, ve de Al- gharb:”o oeste”) e, claro, em sua língua (Galindo, 2022, p.114).

O idioma português, como tal conhecemos hoje, veio do norte,

> Tal como o castelhano, o português originou-se de uma língua nascida no Norte (o galego-português medieval) que foi levado ao sul pela Reconquista. Quanto à norma, porém, o português moderno diverge do castelhano, pois vai busca-la não no Norte, mas sim na região centro-sul, onde se localiza Lisboa (Teyssier, 2014, p.20).

Como diz Teyssier, tanto o português como o castelhano (espanhol) tem uma mesma raiz, o galego-português. E é essa raiz em comum que explica o porquê de hoje haver essa tão grande semelhança entre as línguas espanhola e portuguesa.

Um falante de língua portuguesa ao se deparar com um texto em língua espanhola, de início pode pensar: eu não estou entendendo nada, que língua complicada e difícil. Mas ao parar e ter um pouco mais de atenção perceberá que há palavras que ele compreenderá prontamente o seu significado. Isso se deve a aproximação das línguas.

> Antes de mais nada, é preciso saber que o galego, hoje um das línguas regionais da Espanha a gozar de um estatuto de autonomia é razoavelmente similar ao português. Similar ao ponto de ser compreensível sobretudo por escrito [...](Galindo, 2022, p.96).

O nosso trabalho parte de uma análise do livro organizado por Adrián Pablo Fanjul e Neide Maria González para exemplificar as semelhanças e diferenças específicas na comparação do Espanhol e do Português Brasileiro.

Serão analisados dois temas gramaticais sobre as duas línguas e o que pode causar confusão na hora do aprendizado de uma ou outra por um estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pronomes pessoais: uma breve análise

Os pronomes pessoais sujeitos, em espanhol “los pronombres personales” são uma parte importante tanto para a escrita quanto para o entendimento de um texto. Esses pronomes aprendemos na escola nas aulas sobre o tema, como também quando começamos a ver as conjugações verbais.

Em uma aula de idioma, seja ele qual for, a aula dos pronomes pessoais é de suma importância para quem está aprendendo uma nova língua. Conseguir esse aprendizado ajuda o estudante a progredir no idioma cada vez mais.

Partindo do pressuposto de uma aula de espanhol, os pronomes serão ensinados e o professor que está ministrando a aula fará a correspondência deles com o português. É muito comum essa tradução, no entanto, o estudante da língua necessita ter atenção quanto ao uso deles, que divergem um pouco do espanhol para o português.

Observando o seguinte exemplo do livro ao fazer a análise de um fragmento de Clarisse Lispector, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, a tradução foi feita para o espanhol por Cristina Sáenzde Tejada e Juan García Gayo em 1989.

Ulisses telefonou e desta vez ele parecia...

Ulises llamó por teléfono y esta vez Ø parecía…

Neste pequeno fragmento é possível observar uma particularidade do uso do pronome pessoal no espanhol que é a omissão do pronome em determinados casos, como diz Fanjul:

> Com "Ø" marcamos a ausência do pronome. Em português, o leitor não duvida de que é o próprio Ulisses que "parecia exigir" que ela estivesse por perto. Em E, é a ausência do pronome que garante o mesmo efeito, isto é, a construção da mesma referência (Fanjul, 2014, p.31).

Esse fenômeno comentado por Fanjul é algo comum que ocorre no espanhol, pois "a reiteração do pronome sujeito, que seria estilisticamente redundante"(Fanjul, 2014).

Essa análise mostra que uma tradução de uma língua para a outra não pode ser de forma literal, de palavra por palavra, mas entendo o contexto.

Os pronomes sujeitos do espanhol são: Yo, Tú, Él, Ella, Usted, Nosotros, Nosotras, Vosotros, Vosotras, Ellos, Ellas, Ustedes. Na "Gramática de Nuestra Lengua" de 2013, María Eugenia Lorenzini e José Miguel Ruiz sinalizam que é frequente a omissão dos pronomes pessoas que são sujeitos da oração porque se sobre-entende na construção da frase devido a flexão verbal.

Já no português, o pronome sempre está presente na frase para marcar a pessoa do discurso e não haver dúvidas de quem realmente se fala, ou se refere no enunciado.

Esse fenômeno é chamado de Correferência como fiz Fanjul. Esse fenômeno no espanhol, parte da seguinte construção, uma vez colocado o pronome sujeito todos os verbos vão concordar com ele, não sendo necessário repeti-lo; quando um novo pronome aparece é porque mudou o sujeito, a pessoa do discurso, por isso marca-la.

> O que é que determina, então a possibilidade de ocorrência de um pronome sujeito em E? [...] Trata-se de um processo orientado por fatores relacionados à progressão da informação, como consequências na interpretação, especificamente na identificação da referência. A presença de um pronome sujeito em E traz um efeito de contraste (Fanjul, 2014, p.35)

Frases comuns no espanhol e sua tradução para o português:

Español	Português
No iré a la estancia	Eu não irei à hospedaria
Juan es mi vecino de al lado y es estudiante de matemáticas	João mora ao lado da mina casa e ele estuda matemática.

ISSN: 2358-8829

Podemos observar com esses exemplos acima justamente o que foi trazido pelos autores, no espanhol o uso do pronome não é tão evidente, pois coloca-lo novamente haveria um contraste, seria outra pessoa sendo inserida no discurso. Já no português observa-se o seu uso mais frequente.

A colocação pronominal

A utilização do pronome oblíquo através da próclise e da ênclise é um fenômeno que ocorre nas duas línguas. No entanto, o emprego da mesóclise só acontece no português.

Na nossa língua há várias regras, as quais aplicar-se para justificar a próclise, que é o fenômeno mais comum no espanhol.

Analisando o artigo de Carlos Donato Petrolini Junior percebemos que há um número reduzido de regras ao comparamos ao português.

> Quanto à colocação dos clíticos pronominais, em E se observa um predomínio da anteposição dos mesmos ao verbo ao qual se unem (próclise). Entretanto, há também casos de posposição (ênclise), de acordo com as propriedades da flexão da forma verbal em questão. [...] No que se refere às características flexivas que determinam a posição dos clíticos, as ocorrências verbais se dividem em dois grandes grupos: o das formas infinitas (exceto o particípio) e do imperativo afirmativo, que motivam a ênclise; o dos demais casos finitos, que determinam a próclise (Junior in Gonzáles e Fanjul, 2014, p.51).

Observemos a tabela com as regras de colocação pronominal abaixo, colocamos as regras do português e a do espanhol.

ISSN: 2358-8829

<table>
<tr><th colspan="2">COLOCAÇÃO PRONOMINAL</th></tr>
<tr><th>PORTUGUÊS[3]</th><th>ESPAÑOL[4]</th></tr>
<tr><td>A próclise é obrigatória:
Com verbos modificados diretamente por advérbios antepostos a eles.
Em orações iniciadas por pronomes indefinidos ou pronomes demonstrativos.
Em orações subordinadas iniciadas por conjunção subordinativa, pronome relativo, pronome interrogativo ou advérbio interrogativo.
Em orações interrogativas iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos.
Em orações exclamativas iniciadas por pronomes ou advérbios exclamativos.
Em orações optativas.
Com verbo no gerúndio precedido da preposição “em”.
Com verbo no infinitivo pessoal flexionado ou não precedido de preposição.</td><td rowspan="2">As formas pronominais átonas são propostas a verbos no infinitivo, gerúndio ou imperativo negativo.
O particípio nunca admite clíticos unidos a si.
Em todos os outros casos: formas do modo indicativo, do modo subjuntivo e do imperativo negativo, os pronomes átonos são antepostos ao verbo.
Em casos de perífrase verbal o pronome pode liga-se ao verbo antecedente ou ao verbo final, de acordo com as regras anteriores.</td></tr>
<tr><td>De acordo com a Gramática normativa, a posição normal dos pronomes átonos é depois do verbo, desde que não haja condições para a próclise ou para a mesóclise.
A ênclise é obrigatória:
Com verbo no início do período, desde que não esteja no futuro do indicativo.
Com verbo no imperativo afirmativo.
Com verbo no gerúndio, desde que não esteja precedido da preposição “em”.
Com verbo no infinitivo impessoal regido da preposição “a”.
Em orações interrogativas iniciativas por palavras interrogativas, com verbo no infinitivo impessoal.</td></tr>
</table>

[3] As regras do português da colocação pronominal que constam na tabela foram tiradas da Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, Enem, colégios técnicos e militates... Nelson Teixeira de Almeida, 9ª edição, São Paulo: Saraiva, 2009.

[4] As regras do espanhol foram tiradas do livro Espanhol e Português Brasileiro: estudos comparados . Adrián Pablo Fanjul e Neide Maia González,1ª ed. São Paulo: Parabola, 2014.

ISSN: 2358-8829

Ao comparamos percebemos o português detém um número de regras maior e que para muitos estudantes é difícil memorizar todas elas, fazendo com que haja uma maior quantidade erros na sua utilização.

Observemos os exemplos:

(a) “Aqui vos trago provisões.” (Gonçalves Dias)

(b) Que me dizeis, mestre Ouguet?” (Alexandre Herculano)

(c) Ojalá no lo admiren tanto.

(d) Me dijo que no vendría.

O que podemos perceber nas frases anteriores? Na frase (a) vemos que o pronome está a frente do verbo, pois temos um advérbio modificando o verbo trazer e por isso o uso é obrigatório na frente do verbo. Essa mesma colocação (Próclise) pode ser vista na frase (c) e na frase (d) que estão em espanhol.

No entanto, o uso em espanhol pode ser percebido como semelhante ao português, mas o uso em espanhol não se deu por conta de um advérbio que modifica o verbo “admiren”, porém por este verbo está conjugado no modo subjuntivo.

Outro fenômeno que percebemos se comparamos as frases e observamos principalmente a frase (d) é que isso não acontece no português, pelo menos não de forma a ser considerada gramaticalmente correta pela gramática normativa, mas no uso coloquial da fala e da escrita; pois como nos é ensinado, um pronome oblíquo não pode iniciar frases em português, quando se tem essa necessidade, o verbo inicia a frase e o pronome vai para trás do verbo separado por hífen.

Queixou-se duma dor de cabeça que tinha no momento.

Percebe-se que algumas regras são comuns aos dois idiomas, quando é o caso do verbo no infinitivo, no gerúndio e no imperativo afirmativo. Em ambos, os pronomes são colocados após o verbo, à diferença entre eles é que no português, os pronomes são separados por hífen, mas no espanhol não, ele se junta ao verbo criando uma nova sílaba.

(e) Carlos, empresta-me teu lápis.

(f) Os prisioneiros estão queixando-se dos carcereiros.

(g) Me gusta guardar los platos aquí / Me gusta guardarlos aquí.

(h) Estudiaba escuchando aquella canción / Estudiaba escuchándola.

ISSN: 2358-8829

O uso desses pronomes é para a substituição de objetos diretos e indiretos dentro do texto, no qual, esses pronomes vão retomar àquilo que já foi mencionado anteriormente e assim evitar a repetição desses termos. Esse uso é comum nos dois idiomas, contudo, no espanhol temos algo bem distinto que o português; a possibilidade de substituir o objeto direto e indireto da frase ao mesmo tempo.
Observe:

(i) María ofreció té a Paulo, pero él no quiso.
(j) María lo ofreció a Paulo, pero él no quiso.
(k) María le ofreció té, pero él no quiso.
(l) María se lo ofreció, pero él no quiso.

A frase (i) é a nossa base, e ela foi desdobrada nas demais, porém se observa o fenômeno da substituição dos objetos diretos e indiretos utilizando os pronomes oblíquos do espanhol.

A frase (j) temos apenas a substituição do objeto direto “té” (chá) por “lo” e o restante da frase continuou, já na frase (k) o que foi substituído foi apenas o objeto indireto Paulo por “le” e o restante da frase seguiu.

A última frase tem algo muito peculiar do espanhol e que não existe em português e que para muitos falantes do idioma luso quando aprendem espanhol causa confusão e complicação, a substituição dos dois objetos, tanto o direto como o indireto ao mesmo tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proximidade das línguas portuguesas e espanhola deve-se ao fato de ambas terem a mesma raiz formadora, o latim e posteriormente o galego-português. Essa raiz e o seu desenvolvimento ao longo do tempo e por meio da utilização da língua pelas populações que viviam na Península Ibérica possibilitou o surgimento dessas duas línguas.

O espanhol nos dias atuais tem sido bem mais aceito no mercado brasileiro, apesar de nas escolas estaduais de Pernambuco não serem ensinadas no ensino médio, após a reforma da última etapa da educação básica; no entanto há um grande contato com o

público em geral principalmente ao consumo de conteúdo musical de grandes artísticas que chegam ao cenário brasileiro, como também de série espanholas famosas nas plataformas de streamings.

A breve análise feita nos mostra o quão pode ser semelhante às duas línguas, porém existem regras distintas na utilização do que foi analisado e que pode trazer confusão àqueles que falam português e procuram ingressar no espanhol.

Houve grandes contribuições históricas que sem elas a língua não nos chegaria como ela é hoje, mas o uso continuo e sua adequação ao longo dos anos, possibilitou o seu crescimento, e a disseminação aqui no território americano.

Palavras-chave: Línguas românicas, Português, Espanhol, Comparação linguística, Gramática.

.

REFERÊNCIAS

BASSO, Renato Miguel. **Descrição do Português Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

BURNS, Edward McNall; LERNER, Robert E.; Meacham, Standish. **História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais**. Volume 1. Tradução: Donaldson M. Garschagen. 39ª ed. São Paulo: Globo, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **História do Português.** 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

GALINDO, Caetano W. **Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GONZÁLEZ, Neide Maria; FANJUL, Adrián Pablo**. Espanhol e português brasileiro: estudos comparados.** 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2014.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Latim: uma língua viva.** Disponível em: http:www.portugues.com.bre/amp/gramatica/latim-uma-língua-viva.html. Acesso 28/02/2025

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** Trad. Celso Cunha. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.